



Reflexões sobre a relação entre oralidade e poesia na poética de Marcial

Rafael Cavalcanti do Carmo
Graduação em Letras - UFES
Orientadora: Profa. Doutora Leni Ribeiro Leite

Resumo

Este trabalho objetiva analisar um aspecto fundamental da existência do fenômeno literário na antiguidade: a relação que se estabelece, para seu pleno funcionamento, entre oralidade e letramento. Para tanto, tomamos como base teórica os estudos na área de História da Leitura, desenvolvidos por Roger Chartier e outros, bem como o conceito de campo literário utilizado por Maingueneau (e retomado de Pierre Bourdieu) em sua explicação acerca dos fatores constituintes do contexto de uma obra literária. Com esse referencial teórico, buscamos compreender as variações espaço-temporais a que se submetem os ritos da produção, da recepção e da difusão do fenômeno literário, para, valendo-nos de poemas de Marco Valério Marcial, exemplificar em que medida a forte relação entre oralidade e letramento, que perpassa o mundo antigo de maneira ampla, se faz presente no próprio ato de composição dessa poesia.

Palavras-chave: *oralidade e letramento; poesia de Marcial; metalinguagem; composição poética.*

Reflections on the relation between orality and poetry in Martial's poetic

Abstract

This work aims to analyze a fundamental aspect of the existence of the literary phenomenon in antiquity: the relation that is established, for its perfect functioning, between orality and literacy. To do that, we have taken as theoretical basis the studies in the area of History of reading, developed by Roger Chartier and others, as well as the concept of *literary field* used by Maingueneau (and recovered from Bourdieu) in his explanation about the constitutive factors of a literary work's context. With this theoretical referential, we intend to understand the spatial and temporal variations to which the rites of production, reception, and circulation of the literary phenomenon are submitted, to, by using poems of Marcus Valerius Martial, exemplify in what sense the strong relation between orality and literacy, that passes through the ancient world in a wide manner, makes itself present in the very compositional act of this poetry.

Keywords: *orality and literacy; Martial's poetry; metalanguage; poetic composition.*

Diversos são os estudos, na área de História da Leitura, que buscam elucidar as maneiras por meio das quais a prática da leitura, historicamente variável, se realiza ao longo dos séculos e em diferentes sociedades. Estudos como o empreendido por Chartier (2001) chamam nossa atenção à necessidade de que se compreenda que nossos padrões de produção, circulação e apropriação de textos, tão profundamente enraizados em nossa cultura de modo a gozar de relativa estabilidade¹, estão longe de nos terem sido legados por gerações mais antigas de leitores, isto é, são antes resultados de transformações por que passam, ao longo da história, as maneiras de nos apropriarmos dos textos. Nesse sentido, é pressuposto básico para os estudos que definem como objeto de análise a literatura produzida em contextos histórico-sociais distantes do nosso a necessidade de se considerar as mudanças por que passam, ao longo da história, os fatores que propiciam o surgimento e a manutenção do fenômeno literário. Ao se desconsiderar a inscrição espaço-temporal que determina o funcionamento desse fenômeno, corre-se o risco de mal compreendê-lo, aplicando-lhe critérios de análise e julgamento anacrônicos, por serem fruto do entendimento moderno acerca da relação estabelecida entre escritor/texto/leitor. Corre-se tanto mais esse risco, quanto mais recuado no tempo for o período em análise.

Como nosso interesse se volta à produção poética do período conhecido como Roma Imperial, especificamente nos séculos I e II de nossa era, é necessário que se compreendam, antes que entremos propriamente na questão da composição, as formas de articulação, no mundo antigo, dos pilares de sustentação da criação

¹ Chartier, aliás, profundamente interessado nas transformações que podem ocorrer, mesmo a curto prazo, nas formas por meio das quais os textos se instituem no interior de determinada sociedade, aponta para a desestabilização, já em processo, da fixidez que reconhecemos nos nossos padrões de produção, difusão e apropriação de textos, devido ao surgimento cada vez mais acelerado de outras mídias que promovem formas diferenciadas de contato com o texto. As possibilidades que o leitor ganha, por exemplo, ao ler ou produzir um texto em frente à tela de um computador, marcam transformações importantes em todos os ritos envolvidos nos processos de leitura e criação, alterando, inclusive, a maneira como se define um autor e a noção mesma de autoria.

literária – o da produção, o da recepção e o da difusão –, bem como as influências que essas formas de articulação têm na maneira de produzir poesia no período.

Segundo Cavallo & Chartier (2002:6), os leitores “nunca são confrontados com textos abstratos, ideais, desligados de qualquer materialidade”. Essa materialidade é, no entanto, historicamente variável, tal como as maneiras por meio das quais o leitor frui o material linguístico. Havelock (1986), por exemplo, demonstrou que a “materialidade” do texto na Grécia pré-letramento era a voz. Com a falta de uma ferramenta que desempenhasse a tão útil função de armazenamento de informações, assim como o faz a escrita, criou-se, naquela sociedade, uma maneira de organização do discurso verbal distinta da comunicação corriqueira, uma língua ritualizada, propícia à memorização e à repetição. Esta, aliás, era de fundamental importância para a organização de sociedades orais. O passo decisivo, no entanto, para o aperfeiçoamento dessa linguagem ritualizada e, conseqüentemente, do propósito a que ela servia, a memorização, foi a criação de padrões rítmicos de organização do pensamento, que pudessem ser reconhecidos, retidos e reutilizados unicamente pela presença de um elemento comum em estruturas que expressassem significados diversos: o elemento sonoro. É esse o contexto de surgimento da poesia, inicialmente uma forma artificial de organização do pensamento cuja maior finalidade era auxiliar a manutenção da tradição de um povo.

É fato que a assimilação de valores culturais de outros povos, principalmente dos gregos, é de importância decisiva para a solidificação da cultura romana em sua totalidade, e especificamente de sua literatura. No mundo romano, no entanto, conviveu-se desde cedo com a tecnologia da escrita. Conforme demonstra Desbordes (1995), os primeiros registros escritos de que se tem notícia em Roma datam do fim do século VI a.C; a atividade escrita teve significativo desenvolvimento durante o século III. a.C; e, a partir do século II a.C, principalmente em função do alargamento do contato romano com a cultura helenística, entrou em franca expansão, abrindo caminho ao ápice de seu

desenvolvimento no período imperial. Esse aperfeiçoamento da relação com a escrita, como não poderia ser diferente, resultou num refinamento da literatura latina, que, até então, tinha como modelo a poesia épica produzida por Ênio. A produção literária, a partir de então, entrou em conformidade com a imitação dos modelos alexandrinos, cujo nome mais expressivo era o de Calímaco.

Logo, a poesia reconhecida por muitos dos autores que viveram no nosso período de interesse como aquela que representa o mais alto nível de expressão da poesia latina é, em muito, devedora do período helenístico, em que o fazer poético incorporara plenamente a tecnologia da escrita. Não obstante, a oralidade nunca foi de todo abandonada no processo de criação, uma vez que ainda faz parte não só composição (é relevante, por exemplo, o fato de os poetas ditarem seus textos para serem fixados por escravos), mas principalmente da “publicação” das obras. Portanto, embora seja plenamente letrada, a sociedade romana conserva vínculos estreitos com a oralidade, sendo o bom exercício da palavra falada, a *eloquentia*, a finalidade última da educação das elites, uma atividade ligada ao *status* social, além de uma forma de publicação de textos artísticos, por meio de recitações que, públicas ou privadas, são sempre práticas agregadoras das quais os textos parecem depender para sua realização plena. Essa valorização da palavra viva se reflete, também, no prestígio social de que gozavam os bons oradores, graças ao papel de destaque ocupado pela arte retórica (atividade essencialmente oral) em Roma.

Parker (In: JOHNSON & PARKER, 2009), discutindo, em um artigo, aspectos relevantes à relação autor/leitor/texto no mundo romano, propõe que se reavalie o destaque usualmente atribuído ao papel da leitura em voz alta no mundo antigo, postura teórica que se pode perceber, por exemplo, no seguinte fragmento, citado pelo próprio Parker:

A vida literária de Grécia e Roma reteve as características de uma cultura oral [...] Quase todos os livros discutidos neste manual foram escritos para serem ouvidos. [...] Em geral, pode ser tomado como fato que os livros, ao longo de toda a

Antiguidade, foram escritos para serem lidos em voz alta e que, mesmo a leitura privada, apresentava frequentemente características de uma declamação modulada. É possível que se diga, sem exageros, que um livro de poesia ou prosa artística não era simplesmente um texto no sentido moderno, mas algo semelhante a uma partitura a ser interpretada privada ou publicamente.² (KENNEY, 1982 *apud* JOHNSON & PARKER: 2009, p.187)

Segundo Parker, estudos que aproximam a sociedade romana de uma cultura oral, ressaltando a importância da leitura em voz alta para a fruição do texto poético, são resultados de uma reação a gerações de estudiosos para os quais a leitura, na Antiguidade, contava com os mesmos padrões de realização do mundo moderno, simplificando-se demasiadamente uma questão um tanto quanto complexa. O autor sustenta que o impacto dos estudos que buscaram demarcar o papel fundamental da oralidade na literatura grega despertou, em muitos estudiosos, “um desejo de tornar exótica a leitura no mundo antigo, de fazer os antigos o mais diferentes possível de nós” (JOHNSON & PARKER, 2009: 191). Parker defende, ainda, que, mesmo que eventos como as recitações públicas e outras maneiras de se ouvir literatura tivessem importância social, elas eram, antes, práticas “preparatórias, auxiliares ou complementares ao evento principal, o ignorado caso da leitura silenciosa” (JOHNSON & PARKER, 2009:188).

É necessário que se compreenda a pertinência das críticas feitas por Parker no que diz respeito à pouca precisão com que se rotula Roma como uma sociedade “oral”, uma vez que a maneira de difusão do material literário não se assemelha àquela vigente, por exemplo, na Grécia pré-letramento (guardadas as devidas proporções do emprego de termos como “literário” e “literatura” ao nos referirmos a

² The literary life of Greece and Rome retained the characteristics of an oral culture. [...] Nearly all the books discussed in this history were written to be listened to. [...] In general it may be taken for granted that throughout antiquity books were written to be read aloud, and that even private reading often took on some of the characteristics of a modulated declamation. It might be said without undue exaggeration that a book of poetry or artistic prose was not simply a text in the modern sense but something like a score for public or private performance.

sociedades orais), em que um aedo canta um poema para uma audiência capaz de retê-lo na memória (se não a composição por inteiro, em seu conteúdo exato, pelo menos o essencial) e fazê-lo circular socialmente, recontando-o. O meio de **difusão** do texto, no mundo romano, era, efetivamente, o escrito; entretanto, há que se fazer uma distinção entre a *publicação* e a *circulação*, destacando-se o papel daquela como facilitadora desta.

A fim de “desmistificar” o papel da leitura em voz alta na circulação da literatura em Roma, Parker menciona o fato de que não se tem testemunhos de textos que tenham sido recitados publicamente mais de uma vez. Logo, se alguém se interessava em ouvir poesia, bastaria simplesmente dirigir-se a uma recitação; no entanto, se quisesse apreciar novamente os textos ouvidos nesse evento público, sua única opção era lê-los em livros. O que o autor parece negligenciar, porém, é que esse mesmo argumento serve para que se reforce a importância da mediação, na relação leitor/texto, de uma voz leitora que transforma essa relação em texto/ouvinte(s). Conclui-se disso que, não obstante serem os livros os responsáveis pela fama dos autores latinos que conhecemos (e não pessoas que cantassem seus textos, uma vez recitados, pelos territórios do império romano) e pelo conhecimento que esses mesmos autores tiveram de seus antecessores e modelos gregos, a leitura em voz alta tem papel fundamental na **publicação** dos textos. E, ainda que se resguarde a diferença entre publicação e circulação do texto, a existência do livro em sua materialidade física (já que a sonora também é uma forma de materialidade) não apaga o papel da recitação como forma de contato entre o texto e o público, como Marcial nos dá a entender no seguinte epigrama:

VII, 51

Se te enfada comprar, Úrbico, as minhas bagatelas,
embora te apeteça conhecer os versos lascivos,
vai perguntar a Pompeio Aucto – a quem talvez conheças.
Ele senta-se à entrada do templo de Marte Vingador,
ensopado em direito e polido em todas as práticas da toga:
o fulano não é meu leitor, Úrbico, é o próprio livro.

De tal forma possui e declama os meus livrinhos, mesmo ausentes,
 que letra alguma perde dos escritos.
 Em suma: poderia, se o quisesse, passar por seu autor;
 mas ele prefere trabalhar para a minha fama.
 A partir da hora décima – já que antes não terá vagar bastante –
 o poderás buscar e a ambos vos acolherá um modesto jantarinho.
 Ele irá ler, mas tu bebe; ainda que o não queiras, ele irá cantar
 E mesmo que lhe digas “já chega!”, ele continuará a ler.³
 (Trad. Delfim Ferreira Leão)

Além de abordar importantes aspectos referentes ao funcionamento da literatura no mundo antigo – como, por exemplo, a fragilidade que envolvia a noção de autoria, tema que Marcial explora pelo viés satírico em várias outras peças – o poema nos estimula à reflexão sobre as diferentes práticas de leitura, podendo-se concluir que, a despeito de os exemplares da poesia latina não serem performados mais de uma vez nas ocasiões institucionalizadas de sua “publicação oral” (as *recitationes*), a fixação escrita dos textos literários não basta, em si, para retirar a relevância social, cultural e mesmo estética da leitura em voz alta. Por outro lado, não devemos desconsiderar um dos objetivos a que possa servir a representação ficcional de um leitor fervoroso a ponto de decorar o conteúdo *ipsis litteris* dos

³ *Mercari nostras si te piget, Urbice, nugas
 et lasciua tamen carmina nosse libet,
 Pompeium quaeres — et nosti forsitan — Auctum;
 Vltoris prima Martis in aede sedet:
 iure madens uarioque togae limatus in usu
 non lector meus hic, Urbice, sed liber est.
 Sic tenet absentes nostros cantatque libellos
 ut pereat chartis littera nulla meis:
 denique, si uellet, poterat scripsisse uideri;
 sed famae mauult ille fauere meae.
 Hunc licet a decuma — neque enim satis ante uacabit —
 sollicites, capiet cenula parua duos;
 ille leget, bibe tu; nolis licet, ille sonabit:
 et cum "Iam satis est" dixeris, ille leget.*

livros de Marcial: uma forma inusitada encontrada pelo autor de valer-se de sua fama como assunto de sua própria literatura, lugar comum numa parte considerável da poesia latina, do qual vários autores se utilizaram. Entretanto, a recorrência de poemas em que a relação autor/leitor/texto figura como tema sustenta a afirmação de que diferentes práticas de leitura, mesmo após a publicação material do livro, servem a diferentes propósitos e ocasiões de leitura.

Maingueneau (2001), ao trazer à tona a discussão sobre a necessidade de se levar em consideração o contexto em que a obra literária se inscreve como parte fundamental de seus possíveis significados (preocupação, de resto, presente na historiografia e nas críticas literárias, desde que se superou a visão de imanência do texto artístico), propõe, em consonância com os estudos de História da Leitura, uma significativa ampliação na noção de contexto. Não pretendendo subtrair a importância das relações que a obra literária mantém com a sociedade em que se inscreve, isto é, com o lugar que possibilita sua existência; Maingueneau entende o contexto como um complexo que vai muito além da simples relação especular entre literatura e sociedade, englobando também as formas de produção e apropriação dos textos, sua materialidade, questões como o significado do conceito de autor, historicamente variável, além de uma série de posicionamentos da figura autoral em relação à literatura que pratica. Nesse sentido, passa a fazer parte da significação da obra sua relação com os seus modos de produção e de transmissão, isto é, com a maneira por meio da qual ela se institui materialmente no interior do *campo literário*. Sendo assim, é interessante analisarmos a metalinguagem, um fértil campo de observação na poesia latina, e recurso de que Marcial se vale com bastante frequência para a composição de seus poemas. Tomemos como exemplo o seguinte epigrama:

IV, 86

Se queres por ouvido ático ser aprovado,
aconselho e recomendo-te, livrinho,
que agrade ao douto Apolinar.

Ninguém há mais rigoroso e erudito,
Nem sequer mais sincero e benevolente.
Se ele te acolher em seu peito e em sua boca,
não temerás a mofa dos mais invejosos,
nem darás em vil embrulho para cavalas.
Se te condenar, para as caixas de salga
poderás, sem detença, correr, merecedor
de gatafunhos de miúdo no reverso da folha. ⁴
(Trad. Delfim Ferreira Leão)

Ao tematizar a recepção de seus poemas como conteúdo de um epigrama, Marcial, seguindo as regras características da forma literária que pratica – nesse caso a homenagem a um padrão ou amigo⁵ – nos fala sobre as especificidades da relação autor/leitor/texto na sociedade que é tema de variadas e mordazes representações em seus livros. No conselho que o poeta dá ao livro, podemos perceber não só a menção, como a valorização da prática da leitura em voz alta, uma vez que esse

⁴ *Si uis auribus Atticis probari,
exhortor moneoque te, libelle,
ut docto placeas Apollinari:
nil exactius eruditiusque est,
sed nec candidius benigniusque.
Si te pectore, si tenebit ore,
nec rhonchos metues maligniorum,
nec scombris tunicas dabis molestas:
si damnauerit, ad salariorum
curras scrinia protinus licebit,
inuersa pueris arande charta.*

⁵ Conforme demonstra Leni Ribeiro Leite (2008), a circunstancialidade e a brevidade são as características mais notoriamente delimitadoras do epigrama, em razão do pragmatismo que orientou o surgimento da forma: inicialmente o epigrama era utilizado somente em inscrições funerárias e objetos, a fim de emprestar-lhes voz. O limitado espaço do suporte material criou a necessidade de se compor um texto, ao mesmo tempo, breve e espirituoso. Praticado literariamente, o epigrama manteve o vínculo com essa circunstancialidade, ampliando o campo de temas explorados por meio da incorporação de elementos do cotidiano como conteúdos da forma literária, que ganha relevância inclusive socialmente, por ser espaço privilegiado para a sedimentação de amizades. Nesse sentido, vários são, na obra de Marcial, os poemas que encerram elogios a amigos e padrões, ora possivelmente sinceros, ora feitos como esforços de autopromoção numa sociedade em que o sucesso do escritor dependia fundamentalmente da manutenção de bons relacionamentos com indivíduos responsáveis pelo patrocínio da atividade artística. Essas relações, aliás, não raro, são temas de epigramas nos quais são tratadas com o humor mordaz que perpassa significativa parte da obra do poeta.

poeta parece preocupar-se com a probabilidade de seus poemas não agradarem a um público de *ouvintes* criteriosos (no original *auribus Atticis*, referência à reconhecida superioridade grega em termos de poesia). Não bastasse isso, Marcial espera que seu leitor/crítico, Apolinar, não apenas acolha os poemas no peito, mas que também os tenha na boca (*Si te pectore, si tenebit ore*), o que tanto poderia apontar para a possibilidade de que os lesse em voz alta para si mesmo, quanto, e o que é mais provável, que gostasse tanto dos poemas a ponto de os levar (na memória ou materialmente) para futuras ocasiões de recitação, com as quais a fama do bom poeta poderia se expandir.

Não pretendemos, aqui, supervalorizar a menção feita pelo autor às práticas orais de apropriação do texto em detrimento da leitura silenciosa. No entanto, se comparado àqueles poemas em que Marcial se vale da representação do livro em seu aspecto material, esse poema não apenas explicita a convivência entre duas práticas distintas de leitura, como também parece abrir caminho para que se faça uma distinção entre formas diferentes de fruição do texto poético. Cavallo (In: CAVALLO & CHARTIER, 2002, p.88), ao abordar o aumento da quantidade de leitores em Roma, impulsionado, nos primeiros séculos do Império, pelo surgimento de um novo grupo de leitores, menciona o sucesso de que gozava, entre esse público, um novo tipo de literatura, menos erudito, bastante próximo de uma prosa de entretenimento. O autor chama a atenção para o fato de que algumas dessas obras conseguiam circular com relativo sucesso no interior de variados grupos de leitores, como o *Satyricon*, de Petrônio, e as *Metamorfoses* de Apuleio, que agradavam ao público menos especializado devido ao seu conteúdo, sem que merecessem, por isso, o desprezo dos leitores mais criteriosos, já que apresentam qualidades literárias valorizadas pelo literato romano (como o conhecimento erudito, evidenciado em alusões a obras tidas como consagradas).

O epigrama, devido a suas características constitutivas – a brevidade, a ausência de seriedade em muitas das situações que se fazem de mote para sua produção, bem como a mordacidade com que são tratadas (estas, embora não sejam

regra, têm presença indelével na poética de Marcial) – se nos afigura como um gênero em potencial para circular entre esse heterogêneo grupo de leitores. Por um lado, a popularidade alcançada por Marcial, de resto, tema de muitos de seus epigramas, comprova que o autor gozava de prestígio. Por outro lado, a reduzida quantidade de textos supérstites de outros epigramatistas latinos (com os riscos de caminharmos nos incertos terrenos da suposição) poderia denotar a qualidade literária reconhecida no autor por leitores de gosto mais refinado, uma vez que Marcial é dos únicos representantes latinos desse gênero poético (bastante popular nos séculos I e II d.C.) a terem chegado até nossos dias. É digna de nota, ainda, a extensão de sua obra, que, embora se repita com tanta frequência, nos chegou com tamanha quantidade de peças, distribuídas em quinze volumes.

Portanto, é possível que, em epigramas como o seguinte, citado por Parker para a defesa da leitura silenciosa como protocolo de leitura a ser preferencialmente seguido, tematize-se essa outra maneira de fruição do texto poético, característica desse novo grupo de leitores de que nos fala Cavallo:

III, 68

Até aqui foi escrito para ti, matrona, este livrinho de epigramas.

Para quem são, perguntas, os poemas seguintes? Para mim.

O ginásio, as termas e o estádio estão nessa parte: retira-te.

Vamo-nos despedir: dispensa-te de ver homens nus.

Doravante, tendo renunciado, após o vinho e as rosas, ao pudor,
já tocada, Terpsícore⁶ não sabe o que diz;

designa, não por meias palavras, mas claramente, a oferenda
que Vênus recebe, com ufania, no sexto mês⁷,

que o quinteiro coloca de guarda no meio do jardim,

e que uma honesta donzela só mira, depois de tapar os olhos
[com as mãos.

Se bem te conheço, já tinhas, com o cansaço, posto de parte o

[livro, porque longo;

agora com renovado alento, o vais ler todo inteiro. ⁸

⁶ Musa da poesia ligeira e da dança.

⁷ Para os romanos, o ano começava em março. Em agosto, as devotas de Ísis levavam, em cortejo solene, um falo ao templo de Vênus Ericina.

⁸ *Huc est usque tibi scriptus, matrona, libellus.*

Cui sint scripta rogas interiora? Mihi.

(Trad. Paulo Sérgio Ferreira)

Novamente servindo aos propósitos do gênero – além de trazer uma forma de autor-reflexividade muito utilizada na poesia latina, o *topos* da inserção da musa como justificativa ao conteúdo de um poema ou livro –, o contato da leitora de Marcial com sua poesia é motivado unicamente pelo interesse temático, ficando clara a intenção satírica do autor, ao fazer com que a “virtuosa” matrona retome a leitura, com ânimo renovado, justamente a partir da motivação que lhe deveria fazer largar o livro, a saber, a licenciosidade que será tema dos próximos poemas.

Para a compreensão da metalinguagem como um dos pontos de reflexão sobre o condicionamento do material escrito a práticas de atualização características da oralidade, é fundamental o que nos diz Maingueneau a respeito da enunciação literária:

[ela] constitui-se atravessando diversos **domínios**, domínio de *elaboração* (leituras, discussões...), domínio de *redação*, domínio de *pré-difusão*, domínio de *publicação*. Mas esses domínios não são dispostos em sequência, formam um dispositivo cujos elementos são solidários. O tipo de elaboração condiciona o tipo de redação, de pré-difusão ou de publicação; em compensação, o tipo de publicação visada orienta por antecipação toda a atividade ulterior: não se imagina um autor de poemas galantes numa ilha deserta. (MAINGUENEAU, 2001, p.32, destaques do autor.)

*Gymnasium, thermas, stadium est hac parte: recede.
Exuimur: nudos parce uidere uiros.
Hinc iam deposito post uina rosasque pudore,
quid dicat nescit saucia Terpsichore:
schemate nec dubio, sed aperte nominat illam
quam recipit sexto mense superba Venus,
custodem medio statuit quam uilicus horto,
opposita spectat quam proba uirgo manu.
Si bene te noui, longum iam lassa libellum
ponebas, totum nunc studiosa leges.*

A relação de interdependência estabelecida entre esses domínios de que trata Maingueneau nos leva a perceber a metalinguagem num segundo nível de profundidade. Passam a ser pertinentes para o significado da poesia os posicionamentos do autor no campo literário, destacando-se o papel atribuído à escolha genérica empreendida. Dizendo de outra forma, Marcial, ao utilizar a metalinguagem como estratégia composicional de muitos de seus epigramas, literariamente tece breves considerações sobre a poética do gênero que pratica, enquanto delimita a função social a que se destina sua poesia. Ainda com Maingueneau, deve-se

dar toda a importância às circunstâncias da enunciação, compreendidas não como um entorno contingente do enunciado, mas como um dos componentes de seu ritual. Não se tem, por um lado, um texto e, por outro, o lugar e o momento de sua enunciação, mas o “modo de emprego” é uma dimensão completa do discurso. (MAINGUENEAU, 2001, p.66)

E esse “modo de emprego” é, no interior mesmo da poesia de Marcial, anunciado ao leitor, quase sempre por meio do tom de conversa agradável, característico das situações comunicativas que dão origem à enunciação de peças do gênero epigramático, tendo a *persona* poética como interlocutor um patrão, um amigo, alguém a quem se deseja fazer uma crítica ou (não raramente) o próprio livro em sua materialidade – que ainda se realiza plenamente em contextos de atualização característicos da oralidade. Vejamos, como um exemplo, o epigrama II, 1:

Três centenas de epigramas poderias pela certa contar;
mas quem te suportaria e te leria até ao fim, ó livro?
Aprende antes quais as vantagens de um curto livrinho.
Em primeiro lugar, porque é menor o papiro que eu estrago;
Depois, porque o copista em uma hora os conclui,
e não se dedicará somente às minhas bagatelas;
a terceira razão é que, se acaso fores recitado a alguém,

ainda que sejas mesmo mau, não serás fastidioso.
A ti, há-de ler-te o conviva, depois de misturado o vinho, mas
antes
que a taça servida quente comece a arrefecer.
Parece-te que estás seguro com tão grande brevidade?
Ai de mim, quão longo tu serás, ainda assim, para muita gente!⁹
(Trad. José Luís Brandão)

Entre vários outros que se poderiam citar, esse poema de Marcial evidencia, no tom jocoso da conversa com o livro, as concepções do autor em relação ao gênero que pratica, por meio do elogio que Marcial faz ao epigrama, ao ressaltar suas vantagens em relação a outros gêneros poéticos. O pertencimento genérico, aliás, é um posicionamento do autor no campo literário que não pode ser definido em si. Deve, ao contrário, definir-se a partir da delimitação entre os espaços socialmente institucionalizados para cada gênero, do que a adoção de determinado gênero significa em relação à concepção do poeta acerca dos outros gêneros que convivem no interior do campo literário, além da influência que o pertencimento genérico pode exercer sobre o próprio conceito de autor. Assim, não seria demais ler boa parte da produção poética de Marcial como um efetivo esforço de legitimação do epigrama diante dos “gêneros maiores”, com os quais o poeta convive e que, mesmo que indiretamente, satiriza, enquanto busca a imortalidade através da tentativa de construção de seu “monumento perene”, seguindo as irreverentes regras do jogo literário que pratica.

⁹ *Ter centena quidem poteras epigrammata ferre,
sed quis te ferret perlegeretque, liber?
At nunc succincti quae sint bona disce libelli.
Hoc primum est, breuior quod mihi charta perit;
deinde, quod haec una peragit librarius hora,
nec tantum nugis seruiet ille meis;
tertia res haec est, quod si cui forte legeris,
sis licet usque malus, non odiosus eris.
Te conuiuia leget mixto quincunce, sed ante
incipiat positus quam tepuisse calix.
Esse tibi tanta cautus breuitate uideris?
Ei mihi, quam multis sic quoque longus eris!*

Percorrido esse breve caminho de discussão, espero ter explicitado a relevância da expansão da noção de contexto da obra literária, trabalhada por Maingueneau, para o estudo da literatura em quaisquer épocas. Em relação ao mundo antigo e, especificamente, à produção da poesia de Marcial, é elemento profícuo de análise do fenômeno literário a investigação sobre o que tem a nos dizer, no interior de sua própria composição, essa poesia, por meio das estratégias metalinguísticas de que seu autor constantemente se vale, tornando explícitas as relações entre a obra literária e seu contexto, no mais amplo sentido, de criação, recepção e circulação.

Referências bibliográficas

- BRAUND, Susanna Morton. *Latin literature*. London: Routledge, 2002.
- CAVALLO & CHARTIER. *História da leitura no mundo ocidental, v.1*. São Paulo: Ática, 2002, p. 5-40.
- CAVALLO, Guglielmo. *Entre o volumen e o codex: o livro no mundo romano*. In: CAVALLO & CHARTIER, Roger (org.). *História da leitura no mundo ocidental, v.1*. São Paulo: Ática, 2002, p.71-103.
- CHARTIER, Roger (ed). *Práticas da leitura*. 2.ed.rev. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- DESBORDES, Françoise. *Concepções sobre a escrita na Roma antiga*. São Paulo: Ática, 1995.
- HAVELOCK, Eric A. *The muse learns to write - Reflections on orality and literacy from antiquity to the present*. New Haven: Yale University, 1986.
- PARKER, Holt N. *Books and reading Latin poetry*. In: JOHNSON, William A. & PARKER, Holt N (ed.). *Ancient literacies: the culture of reading in Greece and Rome*. New York: Oxford University, 2009, p.186-227.

LEITE, Leni Ribeiro. *O universo do livro em Marcial*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARCIAL. *Epigramas*. Trad., org. e notas: LEÃO, Delfim Ferreira; BRANDÃO, José Luís; FERREIRA, Paulo Sérgio; PIMENTEL, Cristiana de Sousa. Lisboa: Edições 70, 2000. 4v.



Recebido em Setembro de 2010
Aprovado em Setembro de 2010